

MINHA TRAJETÓRIA NA UFC

*Nadja Soares de Pinho Pessoa*⁵³

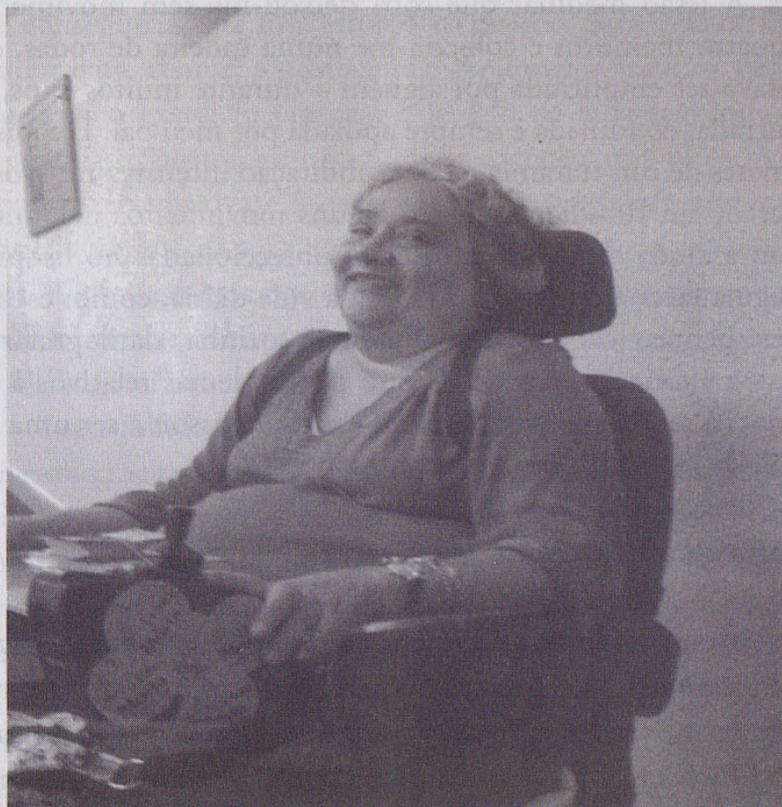


Foto 1 - Professora Nadja Pinho

O Projeto UFC Inclui, realizado em parceria com o Movimento VIDA, dentre outros, deu-me a oportunidade de relembrar e reviver algumas práticas e momentos de minha época de estudante universitária dessa universidade.

Ingressei na Universidade Federal do Ceará – UFC, em 1979, quando fui aprovada no vestibular para o curso de Arqui-

⁵³ Especialista em Informática na Educação e em Tradução de Alemão, Fundadora e Presidente do Movimento VIDA, Conselheira do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência.

tetura, que cheguei a cursar um semestre. Após sofrer um acidente de carro, em 1980, que me deixou tetraplégica, tentei retomar o curso de minha vida em 1981, matriculando-me na faculdade que sempre sonhara fazer e para a qual tinha inúmeras habilidades. A lesão medular que sofri deixou-me sem movimentos nos quatro membros e colocou-me numa cadeira de rodas, que precisava ser empurrada por alguém – durante muitos anos, fui empurrada, conduzida e sempre apoiada por meu pai. Depois de seis meses de um tratamento de reabilitação intensiva no Hospital Sarah, em Brasília, readquiri alguns movimentos nos braços e, com a ajuda de algumas órteses confeccionadas no hospital, conseguia fazer algumas atividades da vida diária, como: escovar dentes, pentear cabelos, me alimentar sozinha, datilografar na máquina elétrica e escrever. Como os problemas relativos à coordenação motora fina persistiam, escrever passou a ser uma das atividades mais difíceis e frustrantes.

O Retorno ao Curso de Arquitetura

Ao retornar à faculdade, em março de 1981, para cursar o segundo semestre do básico do curso de Arquitetura, surgiram logo as primeiras e maiores dificuldades. As aulas eram no campus do Pici, em blocos distintos. Mas não desanimamos, meu pai e eu. Mesmo enfrentando um terreno acidentado, cheio de obstáculos, com um calçamento de pedra tosca, ora na areia, ora capim, conseguimos encontrar e chegar ao prédio onde eu teria a minha primeira aula daquele semestre: Estatística. Para chegar até a sala, enfrentamos um piso irregular no interior do prédio e tivemos que pedir ajuda para vencer os cinco ou seis degraus na entrada do prédio. (UFA!). Ao chegar à sala de aula, já estavam todos lá. Sentados, meus colegas faziam uma avaliação. A professora veio até mim e me entregou a folha com exercícios, dizendo tratar-se de uma avaliação de sondagem para ver o nível

da turma, e que nós teríamos 30 minutos. Fiquei olhando para a folha e pensando na minha dificuldade para escrever. Sabia resolver todas as questões, mas não ia conseguir fazê-las em 30 minutos. Olhei para meu pai, que sentara ao meu lado, e disse que não conseguiria. Fiz um esforço tremendo para vencer minha timidez nata, chamei a professora e expliquei a situação, pedindo para fazer o exercício em casa e levá-lo na aula seguinte. Meu pai ainda perguntou se não poderia escrever por mim. Mas, a resposta veio taxativa: *“Se você não consegue escrever nem fazer os exercícios na sala de aula, não vai poder fazer minha cadeira/disciplina”*. Com lágrimas nos olhos, meu pai e eu nos entreolhamos e, sem contestar, saímos da sala.

“E agora?” Indagamo-nos. Estávamos tão animados!

A sensibilidade – ou melhor, a falta dela – com que aquela professora me tratou fez ruir a reconstrução de meus sonhos. Um balde de água gelada na fervura, aquela postura inflexível diante da minha fragilidade. Que linha pedagógica ela seguia? Não sei. Se a metodologia era eficiente? Eu diria, desalentadora. Se era uma educadora? Certamente não.

Passamos o ano de 1981 em busca de uma solução para eu continuar meus estudos. Como não conseguia a destreza motora necessária para fazer cálculos com o tempo estipulado, também não podia me submeter a um novo vestibular. Precisava ser transferida para algum curso que exigisse mais de meu intelecto e menos de minha coordenação motora fina.

Depois de muitos apelos, consegui minha transferência para o curso de Licenciatura em Letras (Português e Alemão). Imaginamos que as dificuldades já não seriam tantas, pois o curso ficava no campus do Benfica e, assim, mais perto de nossa casa e do trabalho de meu pai: doutor Ernesto de Pinho Pessoa, médico sanitário, à época Diretor do Centro de Ciências da Saúde da UFC.

As Barreiras

Estruturamo-nos de forma que eu pudesse ter alguém para me acompanhar e empurrar minha cadeira. No Benfica, no entanto, as dificuldades persistiam e pareciam ser maiores. As aulas eram em blocos distintos e distantes. Eu tinha que sair do bloco onde ficam os Correios (em frente à Igreja de N. S. dos Remédios) para o bosque das Casas de Cultura e do curso de Letras. No curso de Letras fazia diariamente a seguinte trajetória: assistia à primeira aula num prédio. Saía de lá, atravessava uma rua de calçamento de pedra tosca, seguia pela calçada da Reitoria, atravessava a Av. 13 de Maio, sem rebaixamento de meio-fio nem corte de canteiro central até hoje, seguia pela calçada até a Casa de Cultura Alemã, onde tinha que subir degraus na entrada e descer degraus para poder chegar ao bosque, que atravessava ora na areia ora em pedra tosca, até chegar aos prédios do curso de Letras, com dois degraus a serem vencidos em cada entrada.

Não gostaria que este fosse um texto enfadonho, mas precisava fazer essa descrição cansativa para tentar aproximar a realidade do leitor. Lamento não ter fotos daquela época fazendo esse trajeto. Mas, infelizmente, muita coisa ainda não mudou.

Da máquina fotográfica com filme chegamos à máquina digital com câmera de filmar. Da máquina elétrica ao *notebook*. O desenvolvimento tecnológico parece obedecer a uma progressão geométrica. As tecnologias evoluem rapidamente, dia após dia. A evolução cultural do homem e da mulher, no entanto, não tem dados passos muito largos no que tange ao respeito e reconhecimento das peculiaridades próprias da diversidade humana, no nosso caso, ainda são muitas as barreiras a serem vencidas: físicas e atitudinais.

Professores

Fiz o curso de Letras em cinco anos. No início, minha acompanhante me ajudava a escrever, fazendo as anotações de

aula e algumas provas, conforme eu ia ditando. Ela não tinha o primeiro grau completo, o que me obrigava a soletrar muitas vezes. Não lembro de nenhum professor tentando buscar alternativas metodológicas ou se interessando em saber quais as dificuldades que eu tinha, para poder sugerir algumas possibilidades. Dentre tantos professores, destacaram-se a professora Dulce Sá Silveira, Terezinha Maciel e Antonio Pessoa Pereira. Apenas esses professores não ignoraram ou fingiram não ver a minha deficiência e as dificuldades advindas dela. Era esse o comportamento de quase todos. Portanto, as alternativas metodológicas sempre foram dadas por mim. Dependendo da disciplina ou do professor, ora fazia provas oralmente, ora ditava para minha cuidadora, ora ditava para a professora de alemão. Essa usava o seguinte método: escrevia o que eu ditava com alguns erros e depois mandava eu corrigir a minha própria prova. Assim, tornei-me uma excelente aluna em alemão. Quando mudei de professora, mudou também a metodologia nas provas. A professora de Literatura Alemã me entregava a prova, ligava o gravador e saía da sala, deixando-me sozinha. O gravador parecia uma arma a minha frente e me intimidava de forma tal, que eu mal conseguia falar. Não preciso dizer que por pouco não fui reprovada.

O Relacionamento com os Colegas

O fato de eu estar sempre acompanhada de minha cuidadora, mantinha-me um pouco afastada dos colegas, com os quais eu também interagia pouco. Sentia-me como o “patinho feio”. Por isso, eles não tinham maiores oportunidades para se familiarizar com as minhas necessidades específicas. Ainda assim, ajudavam-me sempre que era preciso, a atravessar a rua, subir degraus, e carregavam, de um prédio para outro, a rampa de madeira removível que meu pai mandara fazer para minimizar os esforços de minha cuidadora e daqueles que a ajudavam.

Postura dos Gestores da UFC

Oficialmente, fizemos algumas solicitações de adequação dos espaços à direção, à coordenação e à Reitoria. Preciso reconhecer nosso fracasso. Mesmo diante de tantos obstáculos e adversidades, nossas palavras ecoavam no vazio e nosso sofrimento era motivo de admiração para muitos. No entanto, queríamos respeito. Nunca quisemos ser heróis, apenas queremos continuar vivendo. Contudo, nunca veio nenhuma determinação ou atitude respeitosa de quem detinha o poder.

A Especialização com Tecnologias de Ponta

Na UFC também fiz minha primeira pós-graduação, em Tradução de Alemão, em 1997-1999. Nesta época, já contava com o auxílio de uma tecnologia de ponta: o computador. O professor, Tito Lívio era conhecido da época da graduação e quase um amigo. Além de ser uma pessoa sensível, o professor vivera cinco anos na Alemanha, país que tem muitos mutilados de guerra e, portanto, trata com respeito e de forma bem diferente as pessoas com deficiência.

Nesta época, a minha militância no movimento das pessoas com deficiência já era mais efetiva. Depois de algumas explicações e solicitações, consegui que a direção do curso mandasse fazer uma pequena rampa de acesso a uma parte da Cultura Britânica, onde ficava minha sala de aula. Aí, já não era mais empurrada. Ganhei de minha família uma cadeira de rodas motorizada e podia circular livremente pela universidade. Isto é, até onde os obstáculos permitiam.

O computador e a cadeira de rodas motorizada me deram uma autonomia que eu acreditava que nunca conseguiria ter. O uso diário do computador me possibilitou ter um certo domínio

dessa tecnologia, de maneira que fiz minha segunda pós-graduação a distância pela Internet, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Informática na Educação.

Minha Atuação Profissional

Trabalhando hoje com a capacitação de professores para o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs - como recurso pedagógico, priorizo e saliento sempre a importante contribuição que as TICs trouxeram para minha vida. Desta forma, acredito estar fazendo o professor enxergar não apenas a deficiência do seu aluno, mas, sobretudo, o potencial que existe nele e que o professor pode e deve ajudar a desenvolver e fazer brotar.

Participação no Projeto UFC Inlui

No campus do Pici, participando de um momento de sensibilização no Restaurante Universitário - RU, me senti pela primeira vez fazendo realmente parte daquele universo, ainda que, para chegar ao refeitório, eu tenha tido que percorrer locais com calçamento e piso em péssimas condições e tenha esbarrado nos degraus da porta de entrada do RU.



Foto 2 - Sensibilização de Alunos feita no RU do Pici

Não me importei em colocar na cabeça uma touca higiênica para poder passar por dentro da cozinha, único acesso que permite a um cadeirante chegar ao refeitório. Mas, consegui chegar. E, assim como nos filmes, almocei num bandejão. O feijão estava delicioso. Da carne e do suco, não gostei muito. No entanto, fiquei feliz. As fotos comprovam.

Nesse momento, pessoas surdas apresentaram um número de canto, pessoas cegas deram depoimentos, uma ex-aluna com

deficiência motora falou sobre o objetivo daquela e de outras sensibilizações. Na verdade, foram poucos os estudantes, ali presentes, que pararam para ouvir o que tínhamos para dizer. Estavam todos ocupados, matando a fome com seus bandejões à frente. Os que se detiveram para nos ouvir, com certeza apresentam uma postura mais respeitosa diante da diversidade humana.

Para uma das palestras do ciclo de debates, o Projeto trouxe, de São Paulo, a arquiteta Elisabeth Lopes, da USP, para abordar o tema Acessibilidade Física. Nessa ocasião, pudemos constatar que, embora algumas rampas e adequações de piso, por exemplo, tenham sido feitas, os auditórios continuam com palcos inacessíveis e sem local para uma pessoa em cadeira de rodas se colocar, de forma a não atrapalhar a passagem nem prejudicar a visibilidade dos demais; e sem ser incomodada também.

Para esse debate, além da comunidade acadêmica, mobilizamos também técnicos da Prefeitura Municipal de Fortaleza – PMF, dada a relevância do tema e o desconhecimento do mesmo e da legislação que garante os direitos das pessoas com deficiência nesta área por parte de alguns dos gestores de nosso estado e cidade. Poucos aceitaram o convite e compareceram à palestra. Enquanto perdemos de um lado, ganhamos de outro.

Num outro momento de sensibilização do Projeto, realizado com alunos dos cursos de História, Psicologia e Comunicação Social, coordenado por integrantes do Movimento VIDA com a participação do Grupo Ponto de Vista⁵⁴, pudemos constatar a seriedade com que a comunidade acadêmica se envolveu neste processo. A vivência consistiu em simulações de deficiências. Com vendas nos olhos, apoiados em bengalas e muletas, sentados e sendo empurrados em cadeiras de rodas, alguns universitários fizeram um percurso semelhante ao que descrevi no início, com o agravante de terem que atravessar a Avenida da Universidade numa hora de muito trânsito. Atravessaram o bosque da Letras

⁵⁴ Grupo de teatro no qual seus integrantes são pessoas portadoras de deficiência visual

e chegaram à biblioteca onde, exaustos, relataram com emoção suas impressões e sentimentos. Esse foi um momento riquíssimo!

Conclusão

Acompanhar a programação e participar do Projeto UFC Inlui, com seus ciclos de debates, momentos de sensibilização com vivências, grupos de estudos, dentre outras atividades, trouxe-me de volta à UFC. Constatei que alguns esforços têm sido empreendidos, principalmente pelo grupo que coordena esse Projeto. No entanto, a Universidade ainda não é um espaço acessível e está longe de ser um local acolhedor para aquelas pessoas que têm alguma deficiência. Discussões sobre a diversidade humana e a inclusão social precisam ser frequentes na formação de todo profissional. Os currículos precisam ter disciplinas que abordem essas questões, bem como as relações interpessoais, para que num futuro – que espero não muito longínquo – possamos oportunizar a todos e formando, em nossas universidades, profissionais mais humanos, conscientes e cientes de seu compromisso com as causas sociais.